

Superando um ensino enciclopédico de Filosofia

Fábio Antonio Gabriel
(UENP-CCHE) Grupo de Estudos e
Pesquisa em Filosofia, Educação e Sociedade - GEPFES
e-mail: fabio.gabriel@brturbo.com.br
Sites: www.mundofilosofico.com.br e www.infonortepr.com.br/

Resumo:

Um grande desafio apresentado no ensino de filosofia é não reduzi-lo a mais um saber enciclopédico. Assim, urge poder estar pensando em metodologias de ensino que levem a entender o processo de ensino-aprendizagem como uma forma de levar o aluno a ser capaz de investigar, repensar e inventar conceitos. O retorno da filosofia no ensino médio traz consigo grandes expectativas e também enormes desafios. Cabe tomar as medidas pedagógicas adequadas a fim de ser uma contribuição na formação de cidadãos autônomos, capaz de pensar por si mesmos.

Palavras-chave: autonomia; metodologia; pedagogia

Superando um ensino enciclopédico de Filosofia

*Fábio Antonio Gabriel
(UENP-CCHE) Grupo de Estudos e
Pesquisa em Filosofia, Educação e Sociedade - GEPFES
e-mail:fabio.gabriel@brturbo.com.br*

“A filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos /.../ O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos.” (G. Deleuze e F. Guattari, *O Que é a Filosofia?* RJ: Ed. 34, 1992, p. 10-13)

O ensino de filosofia a partir da própria experiência de lecionar por dois anos no Colégio Estadual Miguel Dias (Joaquim Távora PR) e Colégio Estadual João Marques da Silveira constitui um processo de grande realização e que sem dúvida importantíssimo para a construção da autonomia do pensamento e a formação de cidadãos conscientes e autônomos, não alienados aos diversos processos que a indústria cultural arquiteta constantemente para estar produzindo pessoas extremamente massificadas, incapazes até mesmo de serem autênticas na sua originalidade de pensar e posicionar-se diante da vida, superando um ensino enciclopédico do saber filosófico.

É importante pensar a filosofia do ponto de vista pedagógico porque quando a filosofia nasce na Grécia, nasce intimamente articulada com uma pedagogia, uma *paidéia*, em outras palavras, uma forma de elevação da capacidade do conhecimento do educando ao longo do processo formativo e parece-nos que numa idéia de pensar a formação do cidadão para agir democraticamente na pólis grega.

Sócrates em oposição aos sofistas para quem o homem era a medida de todas as coisas acreditava na importância de que fosse valorizado o conhecimento comum bem como defendia um conhecimento universal verdadeiro que superasse a mera utilidade pragmática. Com ele, o ensino de filosofia ganha uma forma toda particular pedagógica na educação da juventude. Através de seu método que alternava entre a ironia e a maiêutica quer ele despertar o jovem para o potencial que

existe dentro de si do conhecimento que precisa ser apenas despertado. Acaba por ser acusado de corromper a juventude e condenado a tomar cicuta.

Transcrevemos da *Antologia Ilustrada de filosofia fragmento* do texto “O filósofo é um parteiro de almas” atribuído a Sócrates

“Sócrates: Oh, meu amigo! Nunca ouviste dizer que sou filho de uma parteira muito competente e forte, Fenarete?

Teeteto Sim, já ouvi dizer

Sócrates E não ouvistes dizer que eu exerço a mesma arte?

Teeteto: Não, Nunca!

Sócrates: Sabes então que é assim. Porém, não vás dizer aos outros. Eles não sabem, caro amigo, que eu possuo essa arte e, como não sabem, não a mencionam quando falam de mim, mas dizem, sim, que sou o mais extravagante dos homens e que só faço semear dúvidas. Também isso ouviste dizer, não é verdade?

Teeteto: Sim

Sócrates: E queres saber o motivo?

Teeteto: Sim, de bom grado (...)

Sócrates: E assim procedo justamente porque o deus me força a ser parteiro, mas impediu-me de gerar. Portanto, nada tenho de sábio e tampouco trouxe à luz qualquer descoberta genial gerada pela minha alma. Entretanto, se entre aqueles que apreciam estar em minha companhia, algum, de início, parecem totalmente ignorantes, convivendo comigo alcançam, se o deus assim permitir, extraordinário resultado: como podem ver eles mesmos e os outros.”

(In: Ubaldo NICOLA, *Antologia ilustrada de filosofia*, p.59)

Podemos inferir que o grande desafio do professor de filosofia consiste em despertar o educando para o gosto pelo saber por si mesmo que não seja apenas o pragmático visando futuramente apenas passar no vestibular e seguir uma boa profissão, justamente porque cria-se a mentalidade capitalista de que a boa profissão seria aquela que trará ótimos rendimentos financeiros tão somente. O desafio é também superar a produção do conhecimento que seja apenas repetição, superar uma educação depositária na terminologia freireana. Por vezes, também corremos o risco de constantemente transformar o Ensino de Filosofia no ensino da História da

Filosofia.

Na realidade, o conhecimento dos grandes teóricos é de grande importância desde que a motivação para estar percorrendo o caminho dos grandes pensadores seja também a produção de um pensamento autônomo; porque do contrário, estaremos condicionando o ensino de filosofia numa vertente dogmática, de apresentar verdades prontas sobre os questionamentos que se apresentam na nossa vida e na do educando quando na realidade, a filosofia na perspectiva aristotélica propõe-nos um redespertar para o admirar-se do mundo, como nos diz NUNES (2005, p.15): “Hoje o filósofo é um homem raro. Há um forte estereótipo sobre ele, como se fosse um pesquisador de coisas descabíveis, um alienado fora da realidade”.

Portanto, talvez aqui possamos delimitar um primeiro aspecto metodológico para a prática docente do professor de filosofia que queira educar para a autonomia do pensamento; como Sócrates ser um “parteiro de idéias”, estimular os alunos para não terem medo de expressar suas idéias e de acreditarem na sua própria capacidade de estar produzindo pensamentos novos e originais.

Quando Aristóteles apresenta a teoria ato e potência podemos encontrar aí, um novo aspecto a ser considerado na prática docente do professor de filosofia, a saber: está latente em cada aluno um ser reflexivo, pensante que necessita justamente de ser motivado para poder expressar suas idéias. O ser humano para que possa desenvolver-se plenamente na sua dimensão racional, de ser espiritual que é determinado pela sua condição específica necessita de uma passagem de ato para potência. A proposta pedagógica da escolástica com todas as críticas que possam ser feitas, numa vertente essencialista que reproduz a proposta aristotélica na orientação de que educar é levar a criança do estado de potência para o estado de ato.

Parece simples, mas na prática, na realidade brasileira muito tem-se para construir uma educação reflexiva; é uma construção histórica da educação do nosso país e percebemos na prática o quanto o saber reduz-se basicamente ao decorar fórmulas e na filosofia pode-se reduzir a decorar conceitos.

Kant que fora educador ao longo de sua vida, diretor de ginásio, no entendimento do filósofo todos os investimentos pedagógicos devem ser na direção de promover a busca pela perfeição, que se dá pela plenitude da moralidade e uma temática muito explorada por Kant foi justamente a busca de uma educação que gerasse educandos cada vez mais morais, prudentes, cultos e emancipados.

Se para Hegel o ato de ensinar filosofia leva necessariamente ao filosofar, em Kant encontramos justamente esta diferenciação de que “não se ensina filosofia e sim filosofar”; não é nosso objeto de estudo entrar no mérito do debate mas de uma forma prática podemos dizer que se a aula de Filosofia não for uma atualização dos textos clássicos, ficando apenas no conhecimento teórico dos mesmos, sem uma busca por parte do docente em fazer os alunos despertarem para o fato de que os grandes pensadores da história perderam grande tempo de sua vida para poder propiciar uma reflexão sobre problemas que ainda hoje nos são capazes de despertar curiosidade e motivar-nos a reflexão, estaremos necessariamente banalizando o ensino de filosofia e depreciando o valor da mesma levando a uma visão negativa da disciplina.

A tarefa de pensar Filosofia passa necessariamente por uma reflexão sobre o momento histórico social, tecnicista em que vivemos. Momento em que o conhecimento deve servir, antes de tudo, as demandas do mercado de trabalho e as questões práticas do cotidiano. A própria lei que até 1996 esteve vigente, a referida 5692/71 entendia o mercado de trabalho como principal instrumento e objetivo da educação.

O acadêmico Márcio Aparecido Pinheiro, do curso de Filosofia da UENP, na apresentação de um texto sobre a prática do Ensino de Filosofia, assim se referia: “Vivemos uma época de deleite de tecnologia sem preocupações com fundamentos que a tornou possível. Nesse contexto, filosofar muitas vezes se resume no uso utilitário do conhecimento (convencer, vender, dissuadir, disputar, desmobilizar), a adoção de uma filosofia como dogma ou a adesão a ela sem a real compreensão do seu conteúdo, seja por modismo, pela cultura de massa, ou por tratar-se do autor ou teoria em destaque no momento. Assim, embora seja capaz de citar, o sujeito desconhece suas

origens ou implicações, não consegue discorrer, relacionar, contextualizar (incorrendo no anacronismo), ou emitir um juízo crítico.”

O grande desafio parece ser justamente que o ensinar filosofia transcende a mera leitura de textos filosóficos. Diferente de acumular da produção dos diversos pensadores, filosofar é exercitar, organizar e coordenar o pensar, discutir criticamente, correlacionar obras e autores, confrontar pontos de vista e emitir juízos fundamentados. Forma-se assim um sujeito crítico que além de filosofar seja capaz de pensar sua realidade, seu momento social. “No ensino de filosofia, tão importante quanto o processo de filosofar é fazer que os alunos encontrem sentido no conteúdo filosófico a eles proposto, pois dessa construção de sentido depende o sucesso da aprendizagem (GHEDIN, 2008, p.117).

Somente através do exercício do filosofar enquanto uma ação emancipadora, o aluno poderá atingir os objetivos propostos pelo procedimento ensino/aprendizagem. Será capaz de compreender e recriar o conhecimento a partir do seu ponto de vista, como criar a partir dele e aplicá-lo ao mundo. Também será capaz de fazer o caminho inverso, ou seja, a partir do espanto diante do mundo, criar hipóteses e buscar dentre as várias teorias registradas a que, segundo sua avaliação crítica, mais contribua para a verificação das hipóteses, ou melhor, explique o que produziu esse espanto.

Silvio Galo no texto “Filosofia no Ensino Médio” encontra em Nietzsche um alerta que pode ser atualizado quando nos deparamos com a situação de que estamos em fase de retorno da filosofia nos nossos currículos:

“Encontramos num texto do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, escrito em 1874, um alerta importante. Em Schopenhauer como Educador, ele denunciou o ensino de Filosofia na escola média alemã de sua época, e também o ensino dessa disciplina nos primeiros anos dos cursos universitários, como o exercício de um desprezo pela Filosofia. Segundo Nietzsche, o Estado alemão havia investido na Filosofia décadas atrás, por exemplo, na época de Hegel, quando precisava de suporte para sua consolidação. Mas, no final do século XIX, já consolidado, ensinava-se uma Filosofia completamente afastada da vida dos jovens estudantes.

O ensino criticado por Nietzsche era um ensino "enciclopédico": os jovens aprendiam uma série de sistemas filosóficos, seus princípios doutrinários e as críticas a esses sistemas. E depois tinham que fazer uma prova em que demonstrassem o aprendizado. Segundo o filósofo, o resultado era que os estudantes decoravam os sistemas e suas refutações às vésperas do exame, faziam a prova e esqueciam tudo em seguida. Esse era o desprezo pela Filosofia: algo que se decora para passar num exame e esquecer em seguida.”

GALO, Silvio. Filosofia no Ensino Médio. Acessado em 12.out.2009 in <http://www.eei.com.br/detnews.php?id=190>

Nietzsche defendia que a autonomia pretendida não apenas seria conseguida pela razão, mas também sobretudo a verdadeira emancipação deriva do crescimento da liberdade, da vontade e da potência. Isso leva a acreditar que além da preparação teórico-técnica o professor de filosofia deve ter também uma experiência filosófica; caso contrário será mais um comunicador do conhecimento teórico e frio da filosofia, levando os estudantes a enfadar-se do pensamento filosófico.

Uma recente obra de 1991 de Deleuze indubitavelmente importante para pensar o ensino de filosofia. Em *O que é a filosofia?* o filósofo em parceria com Guattari irão definir o filósofo enquanto “amigo do conceito”, admite-se que a tarefa da filosofia é necessariamente criativa:

“O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples artes de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em *criar conceitos*. [...] Criar conceitos sempre novos, é o objeto da filosofia. É porque o conceito deve ser criado que ele remete ao filósofo como àquele que o tem em potência, ou que tem sua potência e sua competência [...] Que valeria um filósofo do qual se pudesse dizer: ele não criou um conceito, ele não criou seus conceitos?” (DELEUZE, 1991)

Mas, afinal o que é o conceito? Na tradição filosófica o conceito é sempre visto como sendo universal. Kant o definiu:

“Todos os conhecimentos, isto é, todas as representações conscientemente referidas a um objeto, são ou intuições ou conceitos. A intuição é uma representação singular, o conceito, uma representação universal ou representação refletiva. “O conhecimento por conceitos chama-se pensar.” (KANT, 2003)

Enfim, precisamos paulatinamente criar metodologias de ensino de filosofia no ensino médio que não permitam que o lecionar filosofia seja um lecionar enciclopédico e sim que esteja a formar pessoas extremamente capazes de serem reflexivas sem todavia, entender que a filosofia seja a solução para todos os problemas, como afirma Gallo: “a filosofia não tem uma ‘receita mágica’ para resolver os problemas da vida de ninguém, mas pode ser um instrumento interessante para entendermos melhor as situações pelas quais passamos, possibilitando que façamos escolhas mais bem mais pensadas” (GALLO, 2006, p.12). Cabe à filosofia ser aquela que trabalha com conceitos, das mais diversas formas e compete ao professor uma experiência filosófica para que possa conduzir os educandos a saírem também das suas cavernas, dos seus preconceitos e vislumbrem horizontes mais amplos.

Referências bibliográficas

GALLO, Silvio. (Coord.) **Ética e Cidadania: Caminhos da filosofia:Elementos para o ensino de filosofia**. Campinas, SP, Papirus, 2003.

GALO, Silvio. **Filosofia no Ensino Médio**. Acessado em 12.out.2009 in <http://www.eei.com.br/detnews.php?id=190>

KUENZER, Acácia Zeneide. **Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2002

KANT, **Manual dos cursos de Lógica Geral**. 2 ed. Campinas/Uberlândia. Ed.Unicamp/Edufu, 2003, p.181

NICOLA, Ubaldo. **Antologia Ilustrada de filosofia: das origens à idade moderna**. São Paulo: Globo, 2005

NUNES, César Aparecido. **Aprendendo Filosofia**. Campinas, SP:Papirus, 2005.